

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## O PRESTÍGIO DA RÁDIO NACIONAL ERA SINONIMO DE IBOPE?

Evandro Avelino Piccino\*<sup>1\*</sup>

### RESUMO

O prestígio da *Rádio Nacional do Rio de Janeiro* correspondeu a seus índices de audiência? É essa a pergunta básica que procuramos responder tendo como suporte informativo relatórios do *IBOPE – Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística*, empresa fundada em 1942, em São Paulo, e que passou, já no ano seguinte, a realizar pesquisas regulares de audiência de rádio também na cidade do Rio de Janeiro. Com periodicidade mensal, os dados efetivos de audiência da *Rádio Nacional* e de suas concorrentes têm sido, até aqui, citados, em estudos acadêmicos, apenas eventualmente e de forma avulsa, ou seja, sem a necessária sistematização e serialização. O material é parte dos dados que estamos levantando com o objetivo de traçar um perfil biográfico do radialista e empresário Victor Costa Petraglia Geraldine, responsável pelo sucesso de público da *Nacional*, além de um dos pioneiros no desenvolvimento da televisão no Brasil. Victor Costa dirigiu a primeira radionovela brasileira e a partir daí foi gradativamente ampliando seu poder na hierarquia da *Rádio Nacional*, até assumir, em 1951, a Direção Geral, cargo que ocupou até o final do mês de agosto de 1954. Metodologicamente, o exercício que realizamos se encaixa no campo da História Serial-Quantitativa, no sentido empregado por José D’Assunção Barros, e cobre o período 1945/1954. Como a base de dados é homogênea e, portanto, temporalmente comparável, identificamos padrões recorrentes e dissonantes no decorrer da série. Além disso, a série foi confrontada com referências da mesma natureza de outros meios, notadamente a TV. Concluimos, finalmente, que, sim, o prestígio da *Rádio Nacional do Rio de Janeiro* era sinônimo de *Ibope* e confirmamos a máxima, até aqui não objetivamente justificada, de que *Nacional*, na sua época, representou o que a *Rede Globo de Televisão* representa hoje.

### SITUAÇÃO DE BASE

Quando, em 1942, Auricélio Penteado, resolveu verificar qual era a audiência da sua *Rádio Kosmos* em São Paulo e fundou o *Ibope – Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística*,

- 
- Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) – [Evandro@minder.com.br](mailto:Evandro@minder.com.br)

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

o Brasil perdeu um radialista – frustrado com os resultados do estudo, ele decidiu vender a emissora – mas ganhou um pesquisador. Dedicado exclusivamente ao novo negócio, ele fez a empresa crescer rapidamente, tanto que, no ano seguinte, o *Ibope* passou a medir, também regularmente, como em São Paulo, a audiência das emissoras sediadas no Rio de Janeiro, dentre elas a *Rádio Nacional*.

Na época dos diretores da estação, era Victor Costa Petraglia Geraldine, conhecido por Victor Costa, que, após trabalhar como ator coadjuvante e “ponto” em pequenas companhias teatrais itinerantes, ingressou em 1938 na *Nacional*, ainda uma companhia privada, inicialmente como produtor. Em 1941, pouco mais de um ano depois da estatização da emissora, o profissional dirigiu a primeira radionovela brasileira – *Em busca da felicidade*. Em função do grande sucesso do programa e da posterior fixação do gênero novela, um dos grandes impulsionadores do rápido processo de crescimento da *Nacional* o radialista vai assumindo cargos e ampliando seu poder na hierarquia interna: Diretor de Radioteatro, Diretor de Broadcasting e, finalmente, Diretor Geral (de janeiro de 1951 a agosto de 1954).

Basicamente por sua capacidade de realização, habilidade no gerenciamento de talentos artísticos e sensibilidade popular, Victor Costa é quase sempre apontado como o responsável pelo desempenho da emissora e os números do *Ibope* certamente ilustrariam sua performance como executivo. Estudioso da trajetória do radialista, encontrei poucas referências nesta direção e resolvi aprofundar a questão, daí o título interrogativo do artigo – O prestígio da Rádio Nacional era sinônimo de *ibope*? – um jogo de palavras com as diferentes acepções da sigla que se transformou em um neologismo formal dicionarizado.

Dentre os motivos que poderiam explicar a rarefeito uso dos relatórios do *Instituto* como fontes de estudo, um que deve ser eliminado é o da disponibilidade. Por iniciativa da empresa, quando ela era ainda controlada por brasileiros, o material foi doado ao *Arquivo Edgard Leuenroth – IFCH – Unicamp*. Com acesso sem restrições, os relatórios de pesquisa foram classificados em dois grandes grupos documentais (Pesquisas de Mídia e de Opinião Pública) e em quatro subgrupos, um deles o de Audiência de Rádio, que cobre o período 1942/1999 e engloba cidades de todas as regiões brasileiras, algumas pesquisadas regularmente, principalmente as localizadas em áreas metropolitanas.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Uma dificuldade real, que certamente funciona como uma barreira para uma talvez grande parcela pesquisadores da área de humanas, é a forma de apresentação dos dados nos relatórios do *Ibope*. Publicados originalmente em documentos impressos e destinados a agências de publicidade e anunciantes, as informações sobre audiência implicam em um obrigatório reprocessamento, na medida em que os índices são, via de regra, apresentados descritivamente sem qualquer texto explicativo e quadros totalizadores

Além disso, a interpretação dos índices exige domínio dos conceitos e definições universalmente aceitos por especialistas e adotados na área de mídia. Quando se afirma, por exemplo, que uma determinada emissora alcançou 10% de audiência domiciliar em um determinado dia e horário, isso significa que, no universo pesquisado, 1 em cada 10 dos aparelhos de rádio existentes nos domicílios estava sintonizado naquela estação no momento do trabalho de campo. É um conceito diferente de participação (ou share) de audiência que se refere apenas ao total aparelhos ligados. Assim, os mesmos 10% de audiência podem representar 50% de participação na audiência, se 20% dos aparelhos estivessem ligados, independentemente da emissora, naquele dia ou horário ou 25% de share, se o total de ligados equivaler a 40% e assim por diante.

Excluídos profissionais ligados ao *AEL* que publicaram pelo menos um ensaio sobre os estudos de rádio do *Ibope*, os prováveis obstáculos de manuseio e de interpretação aparecem refletidos nas referências localizadas que, como já afirmamos, não foram numerosas, ou, mais precisamente, seis. Uma destas é o artigo “No tempo das radionovelas” de Lia Calabre. (2007, p.65-83):

As radionovelas obtinham altíssimos índices de audiência e estavam sempre entre os programas mais ouvidos das emissoras. A Rádio Nacional, em especial, liderava a audiência em praticamente todos os horários. Pesquisa do serviço de rádio realizada pelo *Ibope* encontrou os seguintes resultados em setembro-outubro de 1943:

Emissoras	Horários								
	10-11	11-12	12-13	13-14	16-17	17-18	18-19	19-20	21-22
Nacional	72,3	72,2	58,2	62,0	28,0	16,5	13,4	31,1	53,6
Tupy	5,3	4,5	12,6	1,5	23,0	39,7	40,5	26,0	13,8
Mayrink	7,3	7,2	7,6	6,5	2,1	18,9	16,2	25,0	11,1

Como índices divulgados pelo *Ibope* até o relatório referente a outubro/novembro de 1945 se referiam ao total de aparelhos ligados – e os dados foram diretamente transcritos do

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

documento original, sem reprocessamento – os números da tabela indicam, sim, a liderança da *Rádio Nacional*, ou de sua participação percentual na audiência, mas não propriamente, como afirma o texto, seus “índices de audiência”.

O relatório do *Ibope* que serviu de fonte, apresenta, de forma isolada, os índices de aparelhos ligados por faixa horária. É possível, então, por cruzamento, calcular os índices de audiência propriamente entendidos (total de aparelhos nos domicílios pesquisados igual à 100%). Feita a operação, verificamos, como se vê no quadro abaixo, como era de se esperar, uma diferença numérica significativa entre participação na audiência (P.A.) e índice de audiência (I.A.). E isto porque os percentuais de aparelhos ligados flutuaram entre o mínimo de 18,7% e o máximo de 38,5%, dependendo do intervalo de tempo. Por decorrência os índices de audiência da *Rádio Nacional* variaram entre 3,6% (correspondente a 16,5% de share sobre um total de ligados de 22%) e 27,8% (72,2% de participação sobre 38,5% de ligados).

**Rádio - Índices de audiência domiciliar e de participação na audiência (%)**

Média mensal por faixa horária - Segunda-feira à domingo

Rio de Janeiro - setembro/outubro de 1943

	de 10/11		de 11/12		de 12/13		de 13/14		de 16/17		de 17/18		de 18/19		de 19/20		de 21/22	
	P.A.	I.A.	P.A.	I.A.	P.A.	I.A.	P.A.	I.A.	P.A.	I.A.	P.A.	I.A.	P.A.	I.A.	P.A.	I.A.	P.A.	I.A.
<b>Nacional</b>	72,3	<b>23,8</b>	72,2	<b>27,8</b>	58,2	<b>19,3</b>	62,0	<b>19,0</b>	28,0	<b>5,2</b>	16,5	<b>3,6</b>	13,4	<b>3,9</b>	31,1	<b>10,5</b>	53,6	<b>19,0</b>
Tupy	5,3	1,7	4,5	1,7	12,6	4,2	1,5	0,5	23,0	4,3	39,7	8,7	40,5	11,7	26,0	8,8	13,8	4,9
Mayrink	7,3	2,4	7,2	2,8	7,6	2,5	6,2	1,9	2,1	0,4	18,9	4,2	16,2	4,7	25,0	8,5	11,1	3,9
<b>Ligados</b>	<b>32,9</b>		<b>38,5</b>		<b>33,1</b>		<b>30,6</b>		<b>18,7</b>		<b>22,0</b>		<b>28,8</b>		<b>33,9</b>		<b>35,4</b>	

Fonte: Ibope

P.A. = Participação na audiência (total de aparelhos ligados igual a 100%)

I.A. = Índice de audiência (total de aparelhos nos domicílios pesquisados igual a 100%)

A segunda referência ao *Ibope* encontramos no “Almanaque da Rádio Nacional” de Ronaldo Conde Aguiar: “ Os dados são insofismáveis: em 1944, segundo o Ibope, a Nacional detinha 70% da audiência contra 10% da segunda colocada, a Rádio Tupi”. (2007, p.14)

O autor não menciona o período da pesquisa, mas sabemos que em todos os relatórios de 1944, as informações do *Instituto* ainda eram formatadas em percentuais de participação na audiência (total de aparelhos ligados igual à 100%). E analisando um período aleatoriamente selecionado do ano de 1944, o de novembro, verificamos que nas diferentes faixas horárias a *Nacional* só esteve próxima de 70% de participação em dois momentos: entre 21h e 22h nas quartas-feiras e sextas-feiras, ou seja, 70% não era o share médio da emissora e sim seu pico.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Depois de reprocessamento assemelhado ao de setembro/outubro de 1943, constatamos que na média geral – todos dias em todas as faixas horárias – o share da *Nacional* em novembro de 1944 foi de 37% e o da *Tupy* de 19%. O que corresponde, diante de um percentual médio de ligados ao redor de 27%, a índices de audiência (total de aparelhos igual a 100%) de, respectivamente, 10% e 5%.

## Rádio - Índices de audiência domiciliar e de participação na audiência (%)

Média mensal - Segunda feira à domingo - das 9 às 22h

Rio de Janeiro - Novembro de 1944

Emissora	Audiência	Participação
	%	%
Nacional	10	37
Tupy	5	19
Outras	12	44
Sub-total Ligados	27	100
Desligados	73	
Total	100	

Fonte: Ibope

Os dados do “Almanaque da Rádio Nacional” foram transcritos em pelo menos dois trabalhos acadêmicos, quarta e quinta referências identificadas: Terra, 2008, p.11 e Crepaldi, 2009, p.75.

A sexta e última menção ao *Ibope* aparece em um artigo de Winner Soares Baptista Filho sobre o programa humorístico *PRK-30*, publicado na revista *Ars Histórica*, edição de jul/dez de 2015. O autor não recorreu diretamente aos relatórios, mas a matéria veiculada no *Anuário do Rádio* em março de 1950. Das informações transcritas, a mais relevante é a que lista os 10 programas de maior audiência em 1949 – aparentemente, a média anual – todos da *Rádio Nacional*, com liderança do *PRK-30*, exibido semanalmente, com índice de 39,7% seguido de perto, até o quinto lugar, por quatro diferentes radionovelas. Como veremos mais adiante, os números são, de fato, índices de audiência (total de aparelhos igual à 100%), com a ressalva de que são apresentados de forma fragmentada e isolada, isto é, desvinculados do contexto geral da *Nacional*, apontada, sem uma efetiva quantificação, como vivendo, entre 1946 e 1950, o anos de exibição do *PRK-30* na emissora, “seu período de maior sucesso”. (p.188)

## EXERCÍCIO

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Diante, de um lado, da disponibilidade e acessibilidade dos relatórios de rádio do *Ibope* e, de outro, a rarefeita e frágil base informativa até aqui constituída e publicada, resolvemos estruturar um primeiro exercício, não exaustivo, mas suficientemente sensível para responder a questão que formulamos: o prestígio da *Rádio Nacional* era sinônimo de *ibope*?

O levantamento, processamento e sistematização dos dados de audiência possibilita:

- O dimensionamento quantitativo da penetração não só da *Nacional* e suas principais veículos concorrentes, como do próprio meio rádio;
- Temporalmente, uma visão contínua e homogênea do desempenho das emissoras;
- Construção de um instrumental comparativo na medida em que os índices de audiência domiciliar permitem o confronto entre emissoras de rádio de diferentes mercados, em diferentes períodos e entre o rádio e outros meios.

Metodologicamente, o exercício se encaixa no campo da História Serial-Quantitativa. O Prof. José D'Assunção Barros lembra que a História Quantitativa e a História Serial devem muito ao historiador francês Ernest Labrousse, integrante da segunda geração da *Escola dos Annales* que, entre 1946 e 1969, “adquiriu uma tonalidade mais específica, preparando não apenas um novo modelo para a História Econômica, como também acenando para futuras assimilações do serialismo em outras modalidades historiográficas, tais como a História Demográfica e a História das Mentalidades”. (2012, p.203) Ainda segundo D'Assunção, a base do ramo histórico é o conceito de “série”, nem sempre, como no nosso caso, de natureza quantitativa:

“A série é necessariamente formada por fontes homogêneas, comparáveis, capazes de serem apreendidas no interior de uma continuidade (seja uma continuidade temporalizada ou espacializada), e que permitam uma ‘abordagem de conjunto’ através de aportes metodológicos como a quantificação, a análise tópica, a identificação de recorrências ou mudanças de padrão no decorrer da série. O objetivo da análise de séries, neste sentido, é perceber tanto as permanências como as oscilações e variações (por exemplo, em uma determinada sequência de tempo)”. (2012, p.205)

Na sequência do mesmo artigo, o autor lembra “que um dos riscos que rondam certos

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

modelos de História Econômica quantitativa é precisamente a fetichização do número, como interesse em si mesmo e por vezes desgarrado de um fundo humano e, em outros casos, de uma problematização maior”. (p.208) Quando vistos isoladamente, é claro que os índices de audiência se impõem de modo absoluto, contudo eles serão relativizados quando inseridos no conjunto dos aspectos pessoais, políticos e profissionais que formarão o perfil biográfico de Victor Costa, que será o produto final da pesquisa que desenvolvemos.

Os relatórios do *Ibope* mensuraram a evolução do rádio ao mesmo tempo em que, indiretamente, são testemunhos documentais da história da pesquisa de mídia no Brasil. Como todo serviço pioneiro, as dificuldades iniciais se desdobravam em três dimensões: as técnicas, as relacionadas com credibilidade e as associadas com o uso “pirata” dos dados. O *Instituto*, em diferentes ocasiões, usou a introdução dos próprios relatórios para alertar mercado, expor seus pontos de vista ou comunicar alterações estruturais no plano amostral ou na apresentação de resultados. Uma destas modificações, tecnicamente decisiva, aconteceu em janeiro de 1946, quando o *Ibope* adota um “novo critério de tabulação” e passa a “calcular todas as porcentagens do relatórios sobre uma base certa – o número de rádios”, ou seja, a base de cálculo deixa de ser o total de rádios ligados e passa a ser o total de aparelhos nos domicílios pesquisados. A medida atendia a apelos dos clientes que, assim, podiam “comparar os valores das diferentes colunas verticais sem recorrer ao cálculo do número absoluto”. Na ocasião, o Instituto reconheceu a precariedade metodológica dos primeiros estudos que vinham “melhorando sempre, cada mês” e que o novo critério não havia sido adotado antes “por inércia ou pelo receio de perturbar a marcha de um serviço”.

Pela maturidade técnica, adotamos o relatório de novembro/dezembro de 1945, o primeiro no novo formato, como marco inicial da nossa série histórica e de dezembro de 1954, como marco final – Victor Costa se afastou da *Rádio Nacional* do final do mês de agosto, dois dias depois do suicídio do presidente Getúlio Vargas. Neste intervalo, como seria impraticável manusear todos os dados de todos os relatórios, nossa opção foi a de reprocessar dois períodos por ano: maio/junho e novembro/dezembro até o dezembro de 1953. Como, a partir daí, isto é, em 1954, o *Ibope* incluiu uma tabela com a totalização dos índices de audiência (segunda/domingo, das 9h/22h30), a série passa ser composta por todos os relatórios, dados

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

por bimestre até maio/junho e por mês, acompanhando a alteração nos procedimentos de campo, entre agosto e dezembro de 1954. No total, então, a série é formada por 30 diferentes períodos.

Também para viabilizar o manuseio, extraímos de cada relatório, os dados de seis emissoras – *Nacional* mais cinco concorrentes principais: *Tupy*, *Tamoio*, *Globo*, *Mayrink Veiga* e *Jornal do Brasil* – além do percentual de aparelhos desligados.

No transcorrer dos 9 anos analisados, o *Ibope* foi modificando a forma de apresentação dos dados, até que, em fevereiro de 1950, “por excelente sugestão do Sr. Roberto Jorge Albano, antigo colaborador nosso e agora da *J. Walter Thompson*” os relatórios ganham uma nova organização, que se mostraria duradoura – os índices são agora dispostos em intervalos de 15 minutos, entre 9h e 22h30, emissora por emissora e por dia da semana. O critério de cálculo de percentagem não foi alterado, ou seja, a base permanece sendo o total de aparelhos existentes nos domicílios pesquisados. Em cada relatório típico da série, portanto, o cálculo da média mensal e geral de audiência envolve a digitação e o processamento de 406 registros por emissora ou 2.842 registros no total (6 estações mais desligados).

Em todo período coberto pela série a técnica de coleta de dados empregada foi a mesma: “visitas domiciliares, de porta a porta, pelo processo de flagrante, em todos os bairros da cidade do Rio de Janeiro e os dados do relatório constituem a média da audição dos dois meses anteriores à sua audição, até julho de 1954, e mensais entre agosto e dezembro do mesmo ano”. O método flagrante (*coincidental calls*) implica na aferição da audiência no instante da realização da entrevista, através da aplicação de três questões: Qual emissora de rádio que está ouvindo no momento? Qual o programa? Quantos homens, mulheres e crianças estão atentas ao rádio?

Quanto ao tamanho da amostra, ela girou ao redor de 30.000 entrevistas por bimestre até maio/junho de 1951; em perto de 70.000 entrevistas por bimestre daí até julho de 1954 e de aproximadamente 40.000 entrevistas por mês entre agosto e dezembro de 1954.

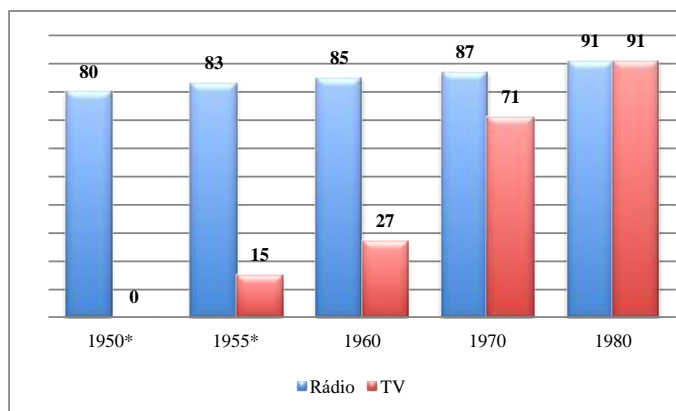
A partir do censo demográfico de 1960, o *IBGE* passou a levantar o número de domicílios com aparelhos de rádio e televisão. O rádio estava presente em 85% das residências do Rio de Janeiro na primeira aferição, em 87% na segunda (1970) e em 91% na terceira (1980). No

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

mesmo intervalo de tempo o crescimento da penetração da televisão foi explosivo: 27% em 1960, 71% em 1970 até, finalmente, atingir o rádio com idênticos 91% em 1980.

Estimamos, fundamentados em dados divulgados pelo *Ibope* nos seus relatórios da época, que que o alto alcance do meio rádio já tinha se cristalizado no período estudado (1945/1954). Assim, em 1950, 80% dos domicílios cariocas possuíam pelo menos um aparelho, índice que teria se ampliado para 83% em 1955. Enquanto isso a televisão representava uma concorrência potencial e não real: a primeira emissora, a *Tupi*, foi inaugurada em janeiro de 1951 e a segunda, *TV Rio*, em julho de 1955. Deste modo, a estimativa é de que em 1955 a presença de aparelhos de TV nos domicílios do Rio de Janeiro não ultrapassava 15%.

**Rio de Janeiro**  
% de domicílios com aparelhos de Rádio e TV (1950/1980)



Fonte: IBGE  
(\*) Dados estimados

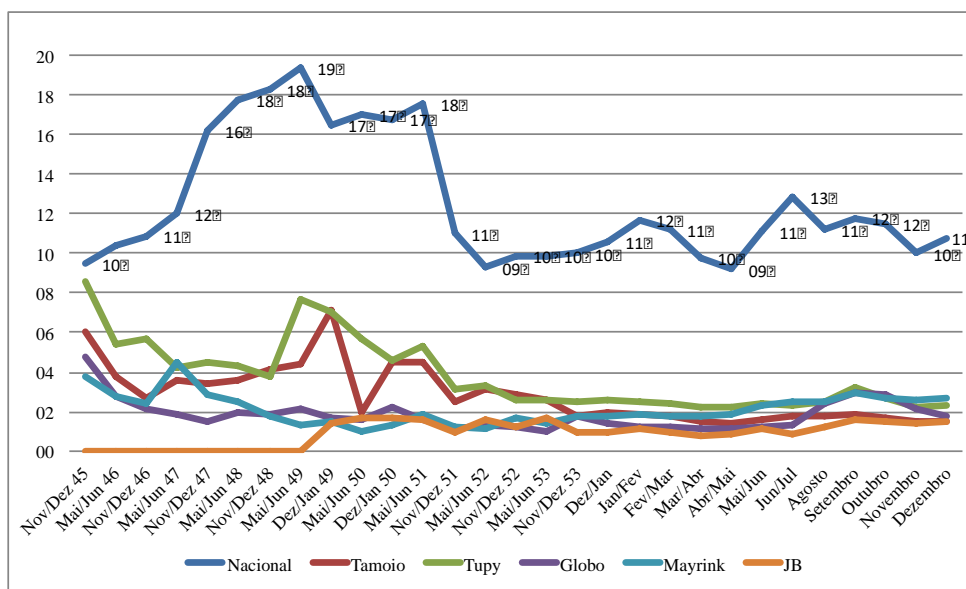
Considerada a totalidade das 30 diferentes observações que formam a série histórica, de Novembro/Dezembro de 1945 à Dezembro de 1954, o índice médio de audiência domiciliar da *Rádio Nacional do Rio de Janeiro*, foi de 12,5%, em todos os horários pesquisados pelo *Ibope*, em todos os dias de semana, tendo como base o total de aparelhos existentes nos domicílios cariocas que, por sua vez, estavam presentes em perto de 80% do total das residências da cidade. Em novembro/dezembro de 1951, para citar um caso, cada 1% de índice de audiência equivalia a 4.000 aparelhos de rádios sintonizados naquela emissora. Entre nov/dez de 1947 e mai/jun de 1951 a *Rádio Nacional* alcançou seu melhor desempenho, com índices que variaram entre 16,2% e 19,4%, que inflaram a média geral. Nos demais 22 pontos da série, anteriores e

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

posteriores, a audiência oscilou, na maior parte do tempo, entre 10% e 12%, que pode, portanto, ser aceito como o intervalo padrão do período.

Das emissoras concorrentes, distantes da líder *Nacional*, duas se destacam - a *Tupy*, audiência média geral de 3,8%, e a *Tamoio* (2,9%), ambas pertencentes aos *Diários Associados de Assis Chateaubriand*. Excetuado o bimestre inicial da série, os picos de audiência da primeira estação aconteceram no transcorrer de 1949 (7,7% no meio do ano e 7% no final) e os da segunda perto de um ano depois (índices de 4,5%). Depois disso, as quedas da *Tupy* e *Tamoio* foram expressivas, o que as colocaram próximas das rádios *Globo*, *Mayrink Veiga* e *Jornal do Brasil*, todas, a maior parte das vezes, com índices perto de 2%.

**Rio de Janeiro - 1945/1954**  
**Evolução dos índices de audiência domiciliar (%)**  
100% = Total de aparelhos

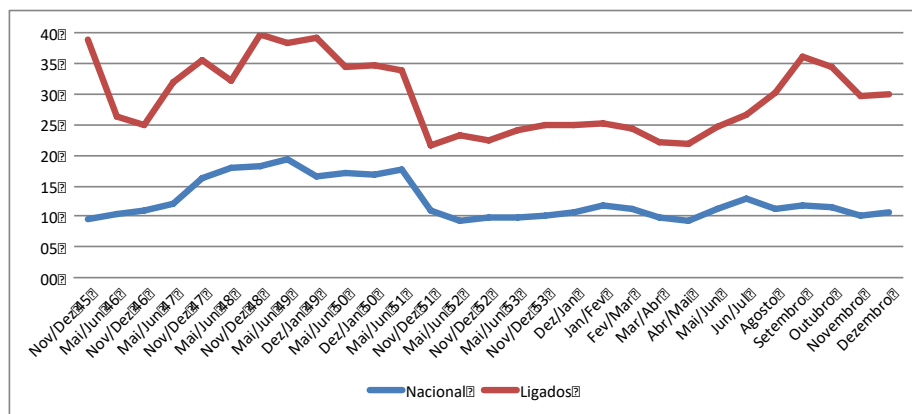


Fonte - Ibope

Na média geral da série, praticamente três em cada dez (32%) dos aparelhos nos domicílios pesquisados foram apontados pelo *Ibope* como ligados, em proporções que variaram entre 22,4% e 39,7%, flutuações que mantêm relação direta com os índices de audiência das emissoras, particularmente a da *Nacional*. A participação média da audiência da emissora sobre o total de aparelhos ligados foi de 41,3% com relativa estabilidade no período, enquanto a segunda estação, *Tupy*, ficou com 12,7% e a terceira, *Tamoio*, com 9,5%.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Rio de Janeiro - 1945/1954  
Evolução dos índices de aparelhos ligados e de audiência domiciliar da Rádio Nacional(%)  
100% = Total de aparelhos



Fonte - Ibope

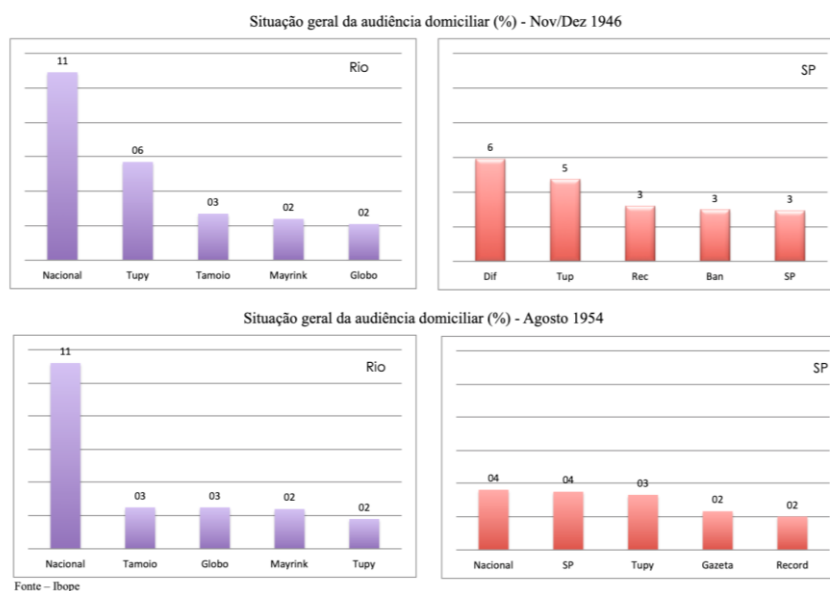
Os dados que compõem a série histórica são indispensáveis mas não suficientes para decididamente esclarecer se a importância da *Nacional*, na gestão Victor Costa, correspondeu, ou não, a seus índices de audiência e em que proporção. Para isso recorreremos, primeiro, ao confronto entre o mercado de rádio do Rio de Janeiro e o de outras praças.

Em São Paulo, cidade pioneira nas investigações do *Ibope*, a situação é a típica do meio rádio, caracterizada pela disputa entre um grande número de estações com conseqüente tendência de fragmentação da audiência. Em nov/dez de 1946, o índice de audiência da emissora líder, a *Difusora*, era de 6%, perseguida de perto pela *Tupy SP* (5%), *Record*, *Bandeirantes* e *Rádio São Paulo*, as três com 3%. Quase 8 anos depois, a pulverização da audiência era ainda mais acentuada: a *Nacional de São Paulo* dividia o primeiro lugar com a *Rádio São Paulo* – ambas com 4% – vindo a seguir *Tupy SP* (3%) e empatadas, *Gazeta* e *Record* (2%).

Nos mesmos períodos, no Rio de Janeiro, fica clara a excepcionalidade da *Nacional*, que, ao contrário do que seria o esperado em um segmento com quase duas dezenas de competidores, concentrava, nos mesmos dois bimestres, algo próximo de 40% de participação na audiência. Assim, se a liderança já era folgada no final de 1946, com 5 pontos de audiência separando a primeira da segunda colocada, a *Tupy* (11% contra 6%) ela se amplia para 8 pontos em agosto de 1954, com a *Nacional* estabilizada e os concorrentes chegando, no máximo, a 3% de audiência.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## Rio de Janeiro e São Paulo – Nov/Dez 1946 e Agosto 1954 Índices de audiência domiciliar (%) Total de aparelhos = 100%



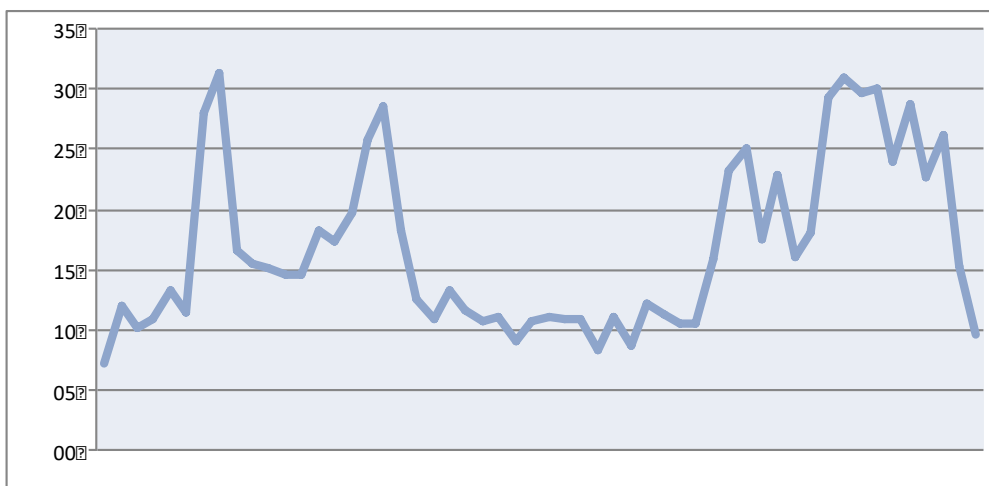
Vínhamos até aqui tratando de índices gerais de audiência – todos os dias da semana, todos os horários. Quando detalhados, os números das emissoras revelam dispersões expressivas ao redor da média, em função dos hábitos do público ouvinte e da estrutura e alcance da programação. Na *Rádio Nacional*, os picos de audiência ocorriam em dois horários diurnos nos quais exibia, nos dias de semana, novelas (entre 10h30 e 11h e entre 13h e 13h30) e em praticamente todo o período noturno, horário nobre do rádio nos anos que formam a série. Em dezembro de 1950/janeiro de 1951, bimestre padrão, diante de audiência média de 17%, a estação nos picos alcançava ou ultrapassava os 30% de audiência, o triplo do que atingia nos vales.

O *Ibope* introduziu em 1948, o “Serviço de Rádio” um reprocessamento dos relatórios mensais nos quais eram apresentados os cálculos das médias de audiência alcançadas pelos programas exibidos pelas principais emissoras do Rio de Janeiro no horário noturno (18h/22h30). Somando os dados de dois bimestres (novembro/dezembro de 1950 e dezembro de 1950/janeiro de 1951) constatamos a grande penetração dos programas exibidos pela Nacional, de diferentes gêneros como radio-teatro (“*Direito de Nascer*” começou a ser

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

veiculado em janeiro de 1951), humor (“*Edifício Balança mas não cai*”, “*Tancredo e Trancado*” e “*Piadas do Manduca*”) jornalismo (“*Reporter Esso*”) musicais (“*Parada de Maiores*”), além dos classificados como variados, como “*A felicidade bate a sua porta*”.

## Rio de Janeiro - Dezembro de 1950/Janeiro 1951 Audiência domiciliar por faixa horária (%) 100% = Total de aparelhos



Fonte: Ibope

## Rio de Janeiro - Nov/Dez 50 e Dez 50/Jan 51 Programas com maior audiência: 18h/22h30 - Rádio Nacional 100%=Total de aparelhos

Faixa Horária	Programa	Gênero	Patrocinador	Aud
de 20/21h	Pecado Original/Direito de Nascer	R. Teatro	Colgate Palmolive	37
de 20/21h	Ed. Balança mas não cai	Humor	Eucalol	36
de 20/21h	Reporter Esso - Seg/sex	Jornalismo	Standard Oil	35
de 18/19h	Parada de maiores	Música	Pasta Walda e Dentol	34
de 20/21h	Tancredo e Trancado	Humor	Melhoral	33
de 20/21h	Gente que brilha	Variado	Bom Brill	31
de 20/21h	Viva a marinha	Variado		31
de 21/22h	Honra ao mérito	Variado	Standard Oil	31
de 19/20h	A felicidade bate a sua porta	Variado	Sabão Cristal	30
de 20/21h	Obrigado doutor	R. Teatro	Leite Magnesia Phillips	30
de 21/22h	Piadas do Manduca	Humor	Formitol e Ovomaltine	30

Fonte: Ibope (Serviço de Rádio)

Para encerrar o exercício, um segundo confronto possível dos dados da série histórica seria com os de outro meio, a televisão. Não os da época, mas os de hoje. A comparação encadeia e confirma as evidências já expostas de que é positiva a resposta da questão que colocamos:

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

sim, o prestígio da *Rádio Nacional do Rio de Janeiro* era sinônimo de *Ibope*. Ou, em outras palavras, a importância da emissora, no período Victor Costa, correspondeu a seus índices de audiência. Se trata da confirmação quantitativa de um chavão – a *Nacional*, na sua época, representava o que a *Rede Globo de Televisão* representa hoje. É o que podemos depreender da leitura do quadro elaborado a partir de dados extraídos do site da *Kantar Ibope Media*, divisão latino-americana da *Kantar Media*, líder global em inteligência de mídia, que assumiu os negócios do Ibope em outubro de 2014. Em meados de julho de 2021, no Grande Rio de Janeiro, a novela *Salve-se quem puder*, com índice de 34%, liderava a audiência domiciliar, um pouco acima da apresentação especial da também novela *Pega Pega* (33%), da novela *Império* (32%), do RJ TV (30%) e do *Jornal Nacional* (29%). Os números no Rio são superiores aos registrados pelos mesmos programas na média dos 15 mercados brasileiros pesquisados pela empresa e que foram, respectivamente, 30% (os dois primeiros), 27%, 26% e 27%. Como tanto estes dados como os da nossa série, se referem a audiência domiciliar – e apesar das diferentes técnicas de coleta de dados, o que impõe lógicas e evidentes ressalvas – não seria um despropósito notar a similaridade numérica entre o desempenho da *Nacional*, ontem, e o da *Globo*, hoje.

## Rio de Janeiro e 15 mercados (média) - 12 18 de julho de 2021 10 programas de maior audiência domiciliar

100% = Total de aparelhos

Programa	Gênero	Audiência %	
		Grande Rio	15 mercados
Salve-se quem puder - Seg/sex	Novela	34	30
Pega Pega (apresentação especial)	Novela	33	30
Império - Seg/sex	Novela	32	27
RJ TV/ Praça TV - Seg/sex	Jornalismo	30	26
Jornal Nacional - Seg/sex	Jornalismo	29	27
Império - Sábado	Novela	26	22
RJ TV/ Praça TV - Sábado	Jornalismo	25	22
Salve-se quem puder - Sábado	Novela	25	22
A vida da Gente - Seg/sex	Novela	25	21
Jornal Nacional - Sábado	Jornalismo	24	22

Fonte: Kantar Ibope

### Principais referências bibliográficas

AGUIAR, Ronaldo Conde. *Almanaque da Rádio Nacional*; Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

BAPTISTA FILHO, Winner Soares. PRK-30? Humor radiofônico na cidade do Rio de Janeiro nos anos 1940 e 1950, Revista Ar Histórica, ISSN 2178-244X, n. 11, p. 184-189, jul/dez 2015.

BARROS, José D'Assunção. A história serial e história quantitativa no movimento dos Annalles. **História Revista**, Goiânia, Universidade Federal de Goiás, v. 17, n. 1, p. 203-222, jan/jul 2012.

CALABRE, Lia. **A era do rádio**; Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

\_\_\_\_\_. No tempo das radionovelas. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, PósCom-Metodista, a. 29, n. 49, p. 65-83, 2o sem. 2007.

\_\_\_\_\_. **O rádio na sintonia do tempo**: radionovelas e cotidiano (1940-1946); Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2006.

CREPALDI, Daniel Damasceno. **A participação da Rádio Nacional na difusão do futebol no Brasil nas décadas de 1930 e 40**. Dissertação de Mestrado – Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

ESQUENAZI, Rose. **No túnel do tempo**: uma memória afetiva da televisão brasileira; Porto Alegre: Arte e Ofícios Ed., 1993.

GOLDEFER, Miriam. **Por trás das ondas da Rádio Nacional**; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

GURGUEIRA, Fernando Limongeli. **Integração nacional pelas ondas**: o rádio no estado novo; São Paulo: Aderaldo, Rothschild, 2009.

HUPFER, Maria Luisa Rinaldi. **Rainhas do rádio**: símbolos da nascente indústria cultural brasileira; São Paulo: Senac Ed., 2009.

MARTINI, Carina Macedo. **Rádio Nacional do Rio de Janeiro**: um estudo da consolidação da emissora no período de 1936 a 1945. Dissertação de Mestrado – Universidade Presbiteriana Mackenzie; São Paulo, 2007.

MOREIRA, Sonia Regina; SAROLDI, Luís Carlos. **Rádio Nacional, o Brasil em sintonia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Martins Fontes / Funarte, 1988

MURCE, Renato. **Bastidores do rádio Nacional** – fragmentos de ontem e hoje; Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.

OSTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio**: os grupos de poder e a determinação de conteúdos; São Paulo: Summus, 1985.

PERDIGÃO, Paulo. **No ar PRK30!**: o mais famoso programa de humor da era do rádio; Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

ROCHA, Amara. **Nas ondas da modernização**: o rádio e a TV no Brasil de 1950 a 1970; Rio de Janeiro: Aeroplano: Faperj, 2007.

TAVARES, Reinaldo C. **Histórias que o rádio não contou**: da galena ao digital, desvendando a radiodifusão no Brasil e no mundo; São Paulo: Negócio Ed, 1997.

## Fontes (Ibope – Nomenclatura AEL)

rdRio1943, rdRio1944, rdRio1945, rdRio1946, rdRio1947, rdRio1948, rdRio1949, rdRio1950,

# **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

rdRio1951, rdRio1952, rdRio1953, rdRio1954

rdSP1946, rdSP1944